



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU - CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS - DL
CURSO DE LETRAS COM HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E
RESPECTIVAS LITERATURAS**

CREUZA THAYNÁ CARLOS DA SILVA

**VILAMANINHOS ENQUANTO ESPAÇO DE FECHAMENTO DA CONSCIÊNCIA
EM “O DIA DOS PRODÍGIOS”, DE LÍDIA JORGE**

PATU

2023

CREUZA THAYNÁ CARLOS DA SILVA

**VILAMANINHOS ENQUANTO ESPAÇO DE FECHAMENTO DA CONSCIÊNCIA
EM “O DIA DOS PRODÍGIOS”, DE LÍDIA JORGE**

Monografia apresentada ao Curso de Letras Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Annie Tarsis
Morais Figueiredo

**PATU
2023**

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

S586v Silva, Creuza Thayná Carlos da
Vilamaninhos Enquanto Espaço de Fechamento da
Consciência Em O Dia Dos Prodígios, de Lídia Jorge. /
Creuza Thayná Carlos da Silva. - Patu RN, 2023.
48p.

Orientador(a): Profa. Dra. Annie Tarsis Morais
Figueiredo.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em
Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Espaço. 2. Alienação. 3. Consciência política. 4.
Lídia Jorge. I. Figueiredo, Annie Tarsis Morais. II.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

CREUZA THAYNÁ CARLOS DA SILVA

**VILAMANINHOS ENQUANTO ESPAÇO DE FECHAMENTO EM “O DIA DOS
PRODÍGIOS”, DE LÍDIA JORGE**

Monografia apresentada ao Curso de Letras Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas.

Aprovada em: 04/04/2023

Banca examinadora

Annie Tarsis Morais Figueiredo

Profa. Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Maria Lara Alves Rocha

Profa. Ma. Maria Lara Alves Rocha
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Beatriz Pazini Ferreira

Profa. Dra. Beatriz Pazini Ferreira
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Dedico esse trabalho a Deus, meu guia, a
minha mãe e aos meus amigos.

AGREDECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me permitido acreditar que era possível realizar meus sonhos, mesmo diante de tantas dificuldades.

Aos meus pais, em especial, a minha mãe Cleonice Moreira pelo apoio constante em todos os meus caminhos e a Ivanaldo Carlos (*in memoriam*).

A minha amiga Geane que sempre me acolheu carinhosamente e, também, aos meus amigos Guilherme Matheus, Anna Letícia e Maria Luiza.

A minha orientadora, Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo por seu apoio e pelo aprendizado constante, vivido em cada momento de orientação, onde pude aprender muito sobre compreensão e compromisso. Os dias de convivência nesta jornada serão para sempre lembrados, obrigada.

As componentes da banca: a Dra. Beatriz Pazini Ferreira e a Ma. Maria Lara Alves Rocha que aceitaram participar deste momento de grande crescimento pessoal e profissional, contribuindo de forma grandiosa para a realização deste sonho.

Por fim, agradeço a todos que estiveram comigo em todo o percurso para a realização do sonho de me tornar uma profissional e uma pessoa melhor.

“É preciso sair da ilha para ver a ilha. Não nos vemos se não sairmos de nós”

(José Saramago).

RESUMO

O presente estudo da obra *O Dia Dos Prodígios*, publicada no ano de 1980, retrata o período anterior e posterior à ditadura, caracterizada pela falta de liberdade e alienação do povo lusitano, por meio da simbologia mística para obter um pensamento crítico situado no sofrimento. Desse modo, esse estudo objetiva-se analisar Vilamaninhos enquanto espaço de fechamento da consciência, investigar como a categoria espaço é construída dentro do romance e analisar como ele colabora para o componente alienante do personagem e contribuir para pesquisas futuras, buscando uma abordagem histórica que afetou a cultura, economia e a sociedade de Portugal. Em busca de compreender a alienação em Vilamaninhos e qual a importância do espaço e do ambiente. Para sustentar as ideias aqui defendidas, buscamos respaldo nos teóricos: Birmingham (2015), Bosi (2014), Brandão (2013), Dimas (1987), e Franco Júnior (2003). Após a leitura dos trabalhos que deram embasamento teórico a este manuscrito é possível aferir que o regime ditatorial, disseminou preconceitos e estereótipos e, dessa maneira, estabeleceu uma ideologia dominante, levando a uma estagnação e conformismo populacional. O confinamento de Vilamaninhos apresenta esta alienação, uma vez que o estilo de vida adotado pelos seus habitantes denuncia a contribuição negativa do espaço sobre a grande maioria dos personagens. Os resultados obtidos com este estudo respondeu os questionamentos e também, os objetivos, pois podemos identificar que o espaço contribui para uma alienação na consciência das pessoas que em virtude de um contexto político foram afetados, e mesmo após permanecerem alienados. Portanto esgotamos as discussões acerca do tema, embora seja fonte para futuras pesquisas, que contribuirão para o desenvolvimento de novos estudos na área.

Palavras-chave: Espaço; Alienação; Consciência Política; Lídia Jorge.

ABSTRACT

O present study the work “O dia dos prodígios”, published in 1980, portrays the period before and after the dictatorship, characterized by the lack of freedom and alienation of the Portuguese people, through mystical symbology to obtain critical thinking situated in suffering. Thus, the present study aims to analyze the work O Dia Dos Prodígios (1980), by Lídia Jorge, seeking an approach related to the Salazar dictatorship, as a historical landmark that affected the culture, economy and society of Portugal. Seeking to understand alienation in Vilamaninhos and the importance of space and environment. To support the ideas defended here, we seek support from theorists: Birmingham (2015), Bosi (2014), Brandão (2013), Dimas (1987), and Franco Júnior (2003). After reading the works that gave theoretical basis to this manuscript, it is possible to verify that the dictatorial regime disseminated prejudices and stereotypes and, in this way, established a dominant ideology, leading to population. The confinement of Vilamaninhos presents this alienation, since the lifestyle adopted by its inhabitants denounces negative contribution of space on the vast majority of characters. The results obtained with this study answered the questions, and also the objectives, since we can identify that the space contributes to a political context, were measured, and even after, they remained alienated. Therefore we sold out the discussions on the subject, although it is a source for future research, which will contribute to the development of new studies in the area.

Keywords: Space; alienation; Conscience policy; Lídia Jorge.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	100
2 ESPAÇO E OPRESSÃO EM <i>O DIA DOS PRODIGIOS</i>, DE LÍDIA JORGE	13
2.1 Vilamaninhos de <i>O Dia Dos Prodígios</i>.....	14
2.2 Sobre as divergências do espaço histórico social em <i>O Dia Dos Prodígios</i>.....	20
3 VILAMANINHOS ENQUANTO FECHAMENTO	30
3.1 Entre espaço e alienação: a luta por liberdade em <i>O Dia dos Prodígios</i>.....	30
3.2 Possível desconstrução da alienação no espaço de Vilamaninhos	39
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esse estudo traz a representação do sofrimento vivido pelos portugueses antes e depois da Revolução dos Cravos, permitindo integrar dinamicamente o discurso histórico e a ficção. Depois desse acontecimento histórico, surgiram novas tendências de domínio, em meio a um imenso panorama inquietações. É neste contexto que Lúcia Jorge lança seu livro de estreia, *O Dia Dos Prodígios*, em 1980. Como resultado da imensa importância de suas obras, a autora recebeu inúmeros prêmios.

A literatura contemporânea portuguesa pode incluir vários gêneros literários, como a poesia, a ficção, ensaios e romances, escritos por autores portugueses atuais. Alguns dos temas abordados podem incluir questões sociais, políticas, culturais e históricas, bem como, questões individuais e da psicologia humana. O romance que será base temática deste estudo, se desenvolve numa vila imaginária localizada na região do Algarve, que passou por uma grande devastação em termos sociais devido ao cenário político vivido, o que motivou a construção de seus personagens.

Ainda nessa ótica, busca-se compreender como ocorre o espaço crítico social em Vilamaninhos (vila fictícia), que possibilita argumentar sobre como o espaço foi construído diante da alienação. Dado isso, esse trabalho possui os principais questionamentos a qual tentaremos responder a) Como analisar o espaço como fechamento da consciência em *O Dia Dos Prodígios* b) Como compreender a alienação em Vilamaninhos c) Qual a importância do espaço e do ambiente em Vilamaninhos. Seguindo esses questionamentos, foi trabalhada uma possibilidade de abertura em Vilamaninhos para a desconstrução da alienação. Ademais, a pesquisa objetiva investigar como a categoria espaço é construído dentro do romance, Analisar como ele colabora para o comportamento alienante dos personagens, e por fim, pretendemos contribuir com outros estudos no espaço na narrativa *O Dia Dos Prodígios*, de Lúcia Jorge.

Para mais, a produção desse trabalho justifica-se em por três vias, pessoal, social e acadêmica. Ao ter contato com a primeira obra de Lúcia Jorge, surgiu um interesse pessoal de estudar o contexto político e social, uma vez que não se trata somente ditadura, já que a política reflete também nos dias atuais, em que a política é alienante não só como forma de discurso, mas também com simbologias. Em meio ao âmbito social, acredita-se que este trabalho possa vir de alguma maneira acrescentar e levar compreensão as pessoas sobre tal assunto como a opressão e o

silenciamento, como também a alienação da consciência que limitava as pessoas em Vilamaninhos. Ao mencionar a contribuição acadêmica, pontuo a importância de olharmos para esse trabalho de Lídia Jorge, em especial, *O Dia Dos Prodígios* para a categoria espaço, com foco crítico e analítico, ao qual posteriormente este estudo possa servir de incentivo para futuros trabalhos.

O Dia Dos Prodígios, de Lídia Jorge, por ser a primeira obra da autora, percebe-se inúmeros estudos sobre a narrativa, e ao realizar o estado da arte foi possível encontrados muitos trabalhos como dissertações, teses e artigos. Dentre eles as teses: “A questão da Alienação em *O Dia Dos Prodígios* de Lídia Jorge, de autoria de Elisângela Fátima Nogueira Godêncio, publicada em 2007, e a tese intitulada “O Romance Português Contemporâneo: Ideário E Trajetória Estética De Lídia Jorge” de autoria de Elizete Albina Ferreira de Freitas, publicada em 2014, entre outros trabalhos.

Para embasar esta pesquisa, foram utilizados durante a análise da categoria na obra os seguintes teóricos: Franco JR (2003), nas concepções de espaço ambiente. Dimas (1987), para tratar do espaço e ambientação. Nas questões da alienação da consciência utilizamos o autor Bosi (2004), visando argumentar sobre a ditadura, utilizamos Birmingham (2014). Portanto, durante a pesquisa outros autores foram utilizados para a discussão do texto.

Essa pesquisa se enquadra no tipo qualitativa, com abordagem descritiva/interpretativa já que buscamos compreender e descrever as nuances sociais ou culturais complexas, através da interpretação obtida dos fragmentos extraídos da narrativa em questão, embora não seja uma leitura “perfeita”, pois segundo Durão (2015, p. 382): “qualquer metodologia em literatura conterà sempre algo de falho e insuficiente”. Desse modo, visamos responder o nosso principal objetivo: Analisar Vilamaninhos enquanto espaço de fechamento da consciência em “*O Dia Dos Prodígios*”, de Lídia Jorge.

As partes que constituem a presente pesquisa são: Considerações iniciais, na qual descrevemos de maneira geral o trabalho a ser realizado. No primeiro capítulo teórico-analítico, apresentamos alguns trechos da obra e realizamos considerações sobre a categoria espaço, ambiente e ambientação; no capítulo dois, selecionamos alguns trechos da narrativa que tratam do espaço que contribui como lugar de alienação. Em seguida, ressaltamos uma possível desconstrução da alienação

através das figuras das Carmas e os soldados. Por fim, fazemos as considerações finais sobre o trabalho desenvolvido a respeito do objeto que foi alvo desse estudo.

2 ESPAÇO E OPRESSÃO EM *O DIA DOS PRODIGIOS*, DE LÍDIA JORGE

Na obra, é possível perceber a precariedade que assola a economia do país após a ditadura. Dessa maneira, em meio ao regime surgem questões sociais abordadas na obra, como o afastamento dos que residiam na zona rural de Vilamaninhos. Esse afastamento, pode ser atestado através da culpa que os vizinhos daquela vila colocavam a uns nos outros. O fator histórico que permaneceu naquele lugar, foi na narrativa, um divisor de pensamentos e acontecimentos místicos voltados ao aspecto religioso, porém é notório que não buscavam mudança e a cada prodígio relembavam-se de um aviso de má notícia, no qual se enxergavam como condenados por permanecerem naquele lugar.

Diante do espaço ficcional em Vilamaninhos, Lídia Jorge utiliza do ambiente de microcosmos para demonstrar como os habitantes que residiam em Portugal e países vizinhos viviam mediante a devastação de governos antidemocráticos. Primeiramente, para se discutir sobre o espaço, vale destacar que a definição não é fechada sobre essa categoria, vista como indisciplinar na literatura, apesar de que, como qualquer área do conhecimento, a literatura proporciona e atribui significados com propósitos bem definidos para suas análises. Nesse enfoque, para fins desse estudo, adotaremos as ponderações de Franco Júnior (2003), assim o referido autor postula que:

O espaço compreende o conjunto de referências de caráter geográfico e/ou arquitetônico que identificam o(s) lugar(es) onde se desenvolve a história. Ele se caracteriza, portanto, como uma referência material marcada pela tridimensionalidade que situa o lugar onde personagens, situações e ações são realizados. (FRANCO JÚNIOR, 2003, p. 45)

Como exposto acima, sem uma definição pronta e acabada para esse elemento narrativo, também foi dito que, na literatura o escritor tem liberdade de escrever e compartilhar para que haja significados com fins analíticos e o qual pontuaremos aqui, pois conforme a definição acima, o espaço pode ser visto em sua tridimensionalidade, que se caracteriza por: personagens, situações e ações realizadas. Dentro dessa perspectiva tridimensional do espaço, que é utilizado para reflexão e demonstração, por meio dos personagens que habitam e agem nesse espaço, de repressão, conforme citação abaixo:

Ah prisioneiro. Quem uma vez não saiu de Vilamaninhos não conheceu nem conhecerá a realidade da terra. É preciso cavalgá-la devagar, ver e descer montes e baixuras para se entender que a viagem abre um véu, e fecha outro véu, atrás, atrás da vista. Atrás da cauda da mula. (JORGE, 2010, p. 39.).

O fragmento acima aborda representação do espaço, deixando exposta a visão de um espaço esquecido e preso a determinados padrões, visto que, simbolicamente representa a dificuldade e a alienação. Assim, vemos que Lídia Jorge apresenta uma sociedade frustrada, aprisionada a um lugar distante da liberdade. Mesmo ao ouvir uma notícia sobre uma suposta “liberdade” que chegou na capital, Vilamaninhos não é alcançada por essa “liberdade”, pois compreendemos que na vila continuaram os atrasos, promovidos pela alienação tão presente. Isso fica evidente no apontamento em que a autora utiliza uma expressão bastante sugestiva no último fragmento em relação a mula, pois ela, nos tempos da guerra servia como transporte para carregar os armamentos dos soldados.

2.1 Vilamaninhos de *O Dia Dos Prodígios*

Desse modo, observamos que o espaço e o ambiente se revestem de certa pertinência. Alguns autores, ao abordarem o espaço como elemento narrativo pensam no espaço como ambiente e ambientação. Dentro dessa perspectiva, entendemos que essa categoria insere os personagens na narrativa onde praticam suas ações. Ainda nessa direção, refletimos o espaço como componente que busca explicar a interrelação que ocupam. Dessa forma, primeiramente, pontuamos que, dentro do elemento espaço, há uma distinção entre ambiente e ambientação. Conforme o autor Franco Jr. (2003), o espaço ambiente situando em:

O ambiente é que caracteriza determinada situação dramática em determinado espaço, ou seja, ele é o resultado de determinado quadro de relações e “Jogos de Força” estabelecidos, normalmente, entre os personagens que ocupam determinado espaço da história. (FRANCO JR, p. 46, 2003)

Conforme descreve Franco JR. (2003), o espaço ambiente é “o resultado de determinado quadro de relações”, fica evidente que a convivência dos personagens, se configura pela forma de agir no espaço em que estão inseridos. Dessa maneira, vale ressaltar que o espaço em *O Dia Dos Prodígios* foi resultado de um marco

histórico na vida dos Portugueses, marco de grande poder político exercido por um governo característico de um regime ditatorial.

Na obra os personagens representam, através do “ambiente” desenvolvido na narrativa, pessoas que moravam distante de Portugal. Compreendemos que Carminha era fruto desse espaço, até mesmo dentro da vila onde morava, pois procurava sempre manter a limpeza e a organização daquele lugar. Ela é descrita como uma mulher dedicada ao trabalho e muito competente em suas tarefas: “Carminha parecia fazer adeus, mas apenas lavava janelas. Um pano branco na mão” (JORGE, 2010, p. 11). Sendo uma mulher atenciosa que mantém tudo limpo e organizado. Até a cor do pano usado por ela na janela enfatiza a sensação de limpeza, pureza do espaço onde habita. A personagem se mantém discreta, mas, ajudando-os sempre que necessário. Em meio aos conflitos políticos e sociais que acontecem no país, Carminha representa uma estabilidade constante na vida da família, representando o esforço e a dedicação.

Ainda sobre Franco Jr (2003) , é importante notar que o ambiente não é apenas o espaço físico onde a história ocorre, mas é o resultado das interações dos personagens que ocupam esse espaço. Essas relações influenciam diretamente na construção do ambiente, que pode ser tanto favorável quanto desfavorável para as ações. Desse modo, o autor destaca a importância do ambiente e dos personagens, que ele influencia as ações e as emoções, além de contribuir para a criação de uma atmosfera específica que ajuda a de forma mais objetiva.

Conforme Franco Jr (2003), o ambiente sensorial do espaço se passa, como uma contribuição. Ele é fundamental para a atmosfera que envolve o leitor ou o espectador sintam-se imerso na história, no ambiente, que às vezes é confundido com a ambientação, porém é diferente desta. Dito isto, ainda afirmamos que o ambiente “é o espaço carregado de características socioeconômicas, morais psicológicas, dos personagens” (GANCHO, 1991, p.17).

Para a autora, o ambiente não é apenas um espaço físico, antes, é um categoria fundamental que constrói atmosfera de motivações e dos conflitos dos personagens. Ela contribui para o desenrolar da trama, da tensão e do suspense, para a criação de personagens mais complexos e para a transmissão de uma mensagem mais profunda e significativa. Portanto, a citação de Gancho destaca a importância do ambiente no desenrolar da narrativa e como ele influencia profundamente. Os personagens são percebidos e interpretados pelo público. Embora sejam termos de

escrita semelhante, e diferente em significado a partir de Franco Jr (2003), Pontua-se que:

A ambientação compreende a identificação do modo como o ambiente é construído pelo narrador e, portanto, ela identifica também o trabalho de escrita do autor do texto, as escolhas que ele faz para construir deste ou daquele modo os ambientes. (FRANCO JR., 2003, p. 46).

A ambientação compreende a descrição do ambiente físico, bem como os elementos culturais, nesse ambiente. Ela revela as escolhas feitas pelo autor na construção do ambiente e elas podem incluir a seleção de vocabulário, objetos e lugares, a ênfase em certas características sociais ou culturais. Então, no entendimento desse autor, a ambientação não é apenas a descrição do ambiente físico se passa, mas também revela as escolhas e a habilidade do escritor em criar uma atmosfera que ajuda a transmitir a essência da narrativa.

No excerto a seguir vemos um exemplo de ambientação, quando Maria Rebôla diz: “Não sabe ainda que em Lisboa os soldados fizeram uma revolução para melhorarem a vida de toda aquela gente? Uma revolução?” (JORGE, 2010, p. 155). Destacamos, pois, que a ambientação se assemelha no contexto histórico e social. O *Dia Dos Prodígios* é ambientado em 1970 em Portugal. Nesse contexto, a narrativa apresenta as tensões que marcaram a transição para a democracia em Portugal, e evidencia as desigualdades e as injustiças presentes.

É importante, desse modo, abordar outro elemento presente na narrativa: o espaço. Ele “compreende-se as referências de carácter geográfico e/ou arquitetônico que identificam o(s) lugar(es) onde se desenvolve a história” (FRANCO JR., 2003, p. 45). É entendido como o cenário físico desenvolvendo-se, incluindo aspectos geográficos, como a localização, o clima e o relevo, bem como aspectos arquitetônicos, como a descreve as construções, casas e edifícios.

Através da descrição do espaço, o autor pode criar uma ambientação mais detalhada e realista, situando ao leitor a se situar no ambiente em que o espaço será usado para transmitir aspectos culturais e históricos que são relevantes para a trama. Isso pode ser melhor visualizado diante do fragmento “Houve em Lisboa um grande golpe de estado” (JORGE, 2010, p. 156). Desse modo, o espaço não é apenas um fundo neutro, mas sim um elemento ativo na narrativa.

Destarte, Carminha está sempre limpando tudo demonstra que ela tentava manter a organização para assim, tentar modificar aquele espaço no contexto crítico da vizinhança e isso era feito através do hábito de limpar o exterior mesmo que fosse taxada como pecadora por ter ficado grávida do padre. Então, a limpeza permeia aquele lugar e, durante a limpeza, sempre havia um esforço corporal para preservar a ordem entre o interior e o exterior do lugar como mencionado no trecho abaixo:

Passando por cima de Vilamaninhos, escorripichosas e frias. Carminha levanta a mão com um pano branco velho molhado numa água de sabão e vinagre. Agora as semanas têm sete dias. Uma sequência certa, um mostrador de sol às voltas, às voltas sobre o dormir e o acordar. E o acordar, aquele sobressalto de se possuir uma coisa tão nova que dormir foi uma ofensa ao objecto. (JORGE, 2010, p. 74).

Limpeza e ordem, em tela são elementos que simbolizam a normalização da vida por parte das autoridades da ditadura. A vila fictícia de Vilamaninhos é transformada em formato vitrine, num lugar de fachada onde tudo deve parecer perfeito e impecável, para impressionar quem vê de longe. A limpeza e a ordem são mais que higiene e organização da vila, elas representam um meio de controlar e censurar, ocultando as suas diferenças e contradições.

Diante da perspectiva religiosa, os eventos místicos apontam para o lema salazarista “Deus, Pátria e Família”. Uma aliança entre autoridade do Estado com a religião católica. O primeiro termo, “Deus”, representa a religião católica no Estado Novo, que se afirmava buscava unir a fé com a política. A religião católica era elemento de coesão social e de estabilidade, e os líderes do Estado Novo utilizavam a Igreja Católica para se efetuar. O segundo termo, “Pátria”, representava o nacionalismo e a uma nação. Para os líderes do Estado Novo, a defesa da pátria e da soberania portuguesa era uma das prioridades máximas. O terceiro termo, “Família”, representava uma instituição fundamental.

A família precisava manter a estabilidade e a coesão social. Nesse quesito, o lema salazarista uma aliança a autoridade do Estado com a religião católica, promovia uma visão nacionalista e conservadora da sociedade. procurava unir a religião, a política e a moralidade numa única visão de mundo, o que permitia o controle total do Estado sobre as pessoas. Tudo isso parece ser bom, mas ilude o povo ao invés de resolver os problemas que o cercam.

Ressaltamos também a importância do termo “*Prodígios*”, que é usado no título faz referência aos eventos extraordinários e inexplicáveis em Vilamaninhos. Esses

eventos incluem a aparição de estranhos personagens, a queda de um avião, um incêndio e outras situações incomuns que desafiam a lógica entre os habitantes. O uso deles durante a obra sugere que esses acontecimentos são uma previsão maior, talvez até um presságio ou um aviso sobre um acontecimento terrível está prestes a acontecer. Para mais, a palavra "*Prodígios*" pode ser compreendida a através de um evento miraculoso, surpreendente ou sobrenatural.

Diante disso, entendemos que o elemento narrativo estudado tem uma abrangência muito mais sofisticada do que conseguimos captar, tão somente ao que concebermos como lugar de ação dos personagens, indo além de tal linha fronteira. Os objetos envolvidos pelas circunstâncias ou situações criadas por esse elemento incorporam boa profundidade dentro do enquadramento literário, pois possibilita compreender os acontecimentos do vilarejo através das reais condições vivenciadas pelos personagens. Dentre as categorias sendo este um elemento de suma importância em seus vários aspectos, que ocorrem as ações e reações dos personagens dentro do espaço fictício. Em uma análise bem, Mauro Dunder, assinala que:

Até mesmo a toponímia do vilarejo confirma a ideia de paralisia e alienação: entre outras acepções, o termo "maninho", que compõe o nome do povoado, é o adjetivo que designa território "que não foi usado para o cultivo"; designa também aquilo ou aquele que é "estéril", "não fecundo". A mesma palavra, quando exerce função substantiva, define o "conjunto de bens de alguém que faleceu sem deixar sucessor" (DUNDER, 2009, p. 9).

Dunder, destaca toponímia (estudo dos nomes geográficos) para compreender a dinâmica do vilarejo. O termo "maninho", que nome do povoado, é significativo porque pode ser interpretado de várias maneiras, e todas elas reforçam a estagnação e ausência de progresso. A toponímia do vilarejo pode ser usada para transmitir uma simbologia diante da comunidade. Dessa maneira, a criação espacial torna-se fundamental, pois não apenas molda o ambiente em que a história se desenrola, mas também reflete uma aldeia que não progride e que permanece praticamente inalterada, mantendo traços ideológicos medievais. Nesse aspecto, a categoria espacial literária é evidenciada como um lugar geográfico na narrativa, mas um espaço que representa um povo. Desse modo, levando em consideração os vários aspectos presentes nesse elemento narrativo, cumpre notar algumas considerações

feitas por Antônio Dimas (1987), e sua função nas mais diversas narrações, ele pondera que:

[...] em certas narrações esse componente pode estar diluído e, por esse motivo, sua importância torna-se secundária. Em outras, ao contrário, ele poderá ser prioritário e fundamental no desenvolvimento da ação, quando não determinante. Uma terceira hipótese ainda, está bem mais fascinante!, é a de ir-se descobrindo-lhe a *funcionalidade e organicidade* gradativamente, uma vez que o escritor soube dissimulá-lo tão bem a ponto de harmonizar-se com os demais elementos narrativos, não lhe concedendo, portanto, nenhuma prioridade. Em resumo: cabe ao leitor descobrir onde se passa uma ação narrativa, quais os ingredientes desse espaço e qual sua eventual função no desenvolvimento do enredo. (DIMAS, 1987, p. 06, *grifos do autor.*)

Diante desta afirmação, é válido mencionar que o espaço utiliza parte da vila fictícia para a demonstração social que ocorreu em Portugal. Nesse contexto, somos impelidos de pensar o espaço como componente que busca explicar a (inter)relação dos indivíduos como percebemos no trecho abaixo, em que há uma demonstração de como se dá um espaço geograficamente, e o modo que ele foi utilizado para representar o espaço que interfere na consciência das pessoas.

Ambas sabem que se se espirrar mais forte as pedras começarão a rolar das montanhas. Se se rir mais alto, os telhados das casas sem ninguém, podem cair sobre as luzernas do chão. Se alguém gritar pelo calor, o horizonte pode dar estalos e quebrar-se. A povoação vai ficando um ovo emurchedo. Que fede, gorado, e não gera. (JORGE, 2010, p. 19)

Neste trecho, a narradora descreve a tensão que se instalou na vila em forma de instabilidade social e econômica. A passagem sugere o medo e incerteza, na qual, qualquer evento natural ou reação emocional pode desencadear uma catástrofe. As expressões “as pedras começarão a rolar das montanhas”, “os telhados das casas sem ninguém podem cair sobre as luzernas do chão” e “o horizonte pode dar estalos e quebrar-se” indicam a fragilidade do ambiente.

O trecho ainda sugere que a cidade está em declínio, com uma população empobrecida e desanimada que não consegue gerar novas oportunidades ou perspectivas. A descrição da “povoação vai ficando um ovo emurchedo. Que fede, gorado, e não gera” evoca uma imagem de estagnação e decadência. Diante da situação relatada, salientamos a ambientação com ênfase na descrição do lugar como representação de aspectos linguísticos e culturais. Nessa mesma vertente, o autor Dr. Oziris Borges Filho (2008), aborda o espaço dialogando com os autores citados

anteriormente, mencionando que esse elemento não é limitado a esfera, mas está (inter)relacionado com o personagem. Logo, com base nisso, destacamos as afirmações do professor Borges Filho (2008):

Pois, a toponálise abarca também todas as outras abordagens sobre o espaço. Assim, inferências sociológicas, filosóficas, estruturais, etc., fazemos parte de uma interpretação do espaço na obra literária. Ela também não se restringe à análise da vida íntima, mas abrange também a vida social e todas as relações do espaço com o personagem seja no âmbito cultural ou natural. (BORGES FILHO, 2008, p. 1).

Em suma, o espaço se relaciona com diversos meios políticos, pois no espaço ficcional contido na obra *O Dia Dos Prodígios*, da autora Lídia Jorge, percebemos que o espaço é representado, e vivenciado na época que parte das influências socioeconômicas. Por fim, o espaço reforma e transforma o indivíduo, conseqüentemente, leva a conceber ele (o espaço) como sendo um elemento conceitualmente distinto.

A expressão “orgulhosamente sós” significava que Portugal deveria manter-se neutro relacionados aos conflitos internacionais, preservando assim a sua independência e soberania. Na prática, o lema representava uma política isolacionista que buscava afastar Portugal dos conflitos mundiais, especialmente os que envolviam as grandes potências europeias.

Acreditava-se que a preservação da neutralidade de Portugal, a manutenção da sua posição privilegiada às suas colônias, bem como, para garantir a sua segurança nacional e a estabilidade política interna. No entanto, esta política também levou a um certo isolamento da comunidade internacional, o que dificultou a modernização e o desenvolvimento econômico de Portugal simplista, contribuindo na ação das personagens, porém sem se desvincular do entendimento descrito da ambientação. Desse modo, devemos investigar os significados mais complexos quando detectados juntos diante da época.

2.2 Sobre as divergências do espaço histórico social em *O Dia Dos Prodígios*

Ao deixar em evidência como se consolidou o governo salazarista e como ele afetou negativamente os portugueses, mas que no mesmo momento houve uma desconstrução, pois era um ditador autoritário no Estado Novo, o qual António Salazar

usava o poder situado em três esferas, sendo estas: “Deus, Pátria e Família” para dar e sustentar um golpe político-econômico de alienação e seus discursos e opressão, o qual gerava uma falsa paz reinando de forma antidemocrática.

Conforme argumentamos anteriormente, ou seja, que “o ambiente é que caracteriza determinada situação dramática em determinado espaço” (FRANCO JR, p. 46, 2003), em Vilamaninhos esse ambiente revela as tensões e dramas vivenciados pelos lusitanos, até mesmo no espaço geográfico fictício da aldeia. Na narrativa *A Revolução dos Cravos*, de 1974 foi um marco social destacado pela autora e com características pós-modernistas, pois esse movimento artístico e cultural deixava delineado de forma clarividente as questões assoladoras daquela época e, nesse caso, relacionado as regras ditadas por Salazar que Lídia Jorge deixa bem visível, pois a realidade ditatorial é expressa a partir do ficcional, o que é representado na vila.

Linda Hutcheon em seu livro “*Poética do Pós-modernismo*”, afirma que “como uma atividade cultural que pode ser detectada na maioria das formas de arte e em muitas correntes de pensamento atuais/aquilo que quero chamar de pós-modernismo é fundamentalmente contraditório, deliberadamente histórico e inevitavelmente político” (HUTCHEON, 1991, p. 20). A citação em questão, enfatiza uma atividade cultural detectada em muitas formas de arte, em correntes de pensamento contemporâneas. Hutcheon (1991), argumenta a importância porque se opõe sobre a verdade objetiva ou uma única maneira de interpretar o real.

Além disso, Hutcheon (1991), destaca que esse movimento é deliberadamente histórico porque está sempre se referindo ao passado e reexaminando e reinterpretando feita antes. A cultura pós-moderna é caracterizada pela reciclagem, pela paródia e pela ironia, que refletem uma atitude cética relacionada à ideia de progresso e o pensamento sobre cultura é sempre nova e inovadora. Por fim, Hutcheon (1991), menciona o pós-modernismo inevitavelmente político, pois desafia as hierarquias culturais e questiona o poder e a autoridade dos discursos dominantes.

Nessa mesma vertente, a narrativa apresenta de forma visível, como ocorreu a Revolução dos Cravos e as consequências vividas pelos portugueses no período ditatorial estabelecido por Salazar e como esse sistema de governo foi tangível não somente às pessoas da zona urbana, mas principalmente na zona rural, as quais, foram muito prejudicadas, vivendo em situações precárias, tais como: pobreza e sujeira, em virtude do de negligências da ditadura, que buscava camuflar as desigualdades.

Visualizamos essa imagem na citação que se segue: “Aqui é uma tristeza. Vejam. Mesmo as ruas que as donas queriam ter limpas, cedo ou tarde parecem um mar de porqueira em campo de besaranha. Vejam. Vejam em redor” (JORGE, 2010, p. 167). A expressão “Aqui é uma tristeza” está descrevendo a pobreza, precariedade e decadência. Em seguida, ela faz uma ressalva sujeira das ruas, mesmo aquelas que as donas de casa tentam manter limpas.

A comparação com “um mar de porqueira em campo de besaranha” reforça o julgamento de sujeira é abundante espalhada, sem controle. A descrição da sujeira nas ruas pode ser lida não se importando cuidado e de investimento nas infraestruturas e serviços públicos, que reflete em cidade suja, desorganizada e mal cuidada. Partindo dos pressupostos, a sujeira se faz presente como símbolo de pobreza e da exclusão social que afetam muitas pessoas. Inicialmente apresentando uma vila fictícia, mas que, no fundo histórico-político, representa uma realidade de sofrido. Sob essa perspectiva, a vila é apresentada como sendo composta por casas e personagens que transitam somente por aquele lugar, desenhando, assim, um povo alienado. Essa percepção é confirmada pelo seguinte fragmento:

Gargantas erguidas aos quatro ventos, na direcção das seis saídas e entradas de Vilamaninhos. Então Macário desce os olhos sobre o bandolim e o cantoneiro volve a cabeça para o ar como se farejasse, passando os olhos por Branca postada no portal, soerguida sobre a cintura do vestido. E Pássaro estremece de uma pendedela franca, quase descomposta. Matilde roça o arco de um seio de encontro ao outro, e Maria Rebôla abana as pontinhas de uma antiga permanente, caindo sobre o risco do decote. As mulheres de preto, e às vezes uma peça de florinhas brancas no preto, levantam o assento do banco na altura dum palmo, para se sentarem de novo. Manuel Gertrudes põe a mão no colarinho da jaqueta como afrontado. E olha. José Jorge levanta a mão e Esperança Teresa encosta a cabeça sobre o lado esquerdo do corpo. Um cão sacode-se de um alavão de pulgas e o barulho da coleira rodando sobre si, tem um tinido de metal e coiro. Um zerumzerum que todos escutam. Mas nada avança sobre Vilamaninhos. (JORGE, 2010, p. 162).

O período ditatorial salazarista (1932-1968), tinha um regime caracterizado por uma forte centralização do poder, repressão política e censura à imprensa. Ele estabeleceu um sistema corporativista baseado no controle estatal dos direitos trabalhistas e sindicais. A política de Salazar relacionando com as colônias portuguesas na África também foi marcada pela repressão e pela falta de reformas significativas. Após a queda de Salazar em 1968, seu sucessor Marcelo Caetano continuou com muitas das políticas repressivas do regime, mas foi eventualmente

deposto em 1974 na Revolução dos Cravos, que pôs fim ao Estado Novo que levou a Portugal a uma transição para a democracia.

Nota-se que, após Salazar assumir o poder, os Portugueses passaram por muitas dificuldades que lhe causaram inúmeras perdas e, dentre elas, citamos a falta de liberdade, o que influenciou e resultou em diversificadas marcas nos indivíduos, como a desesperança, opressão, inferioridade e discriminação apresentando uma sociedade cheia de problemas e, portanto, devastada.

Diante disso, é perceptível que esse era um lugar de difícil acesso a comunicação, pois havia somente um rádio como ferramenta de comunicação na vila e a comunicação era lenta e rudimentar, pois estavam “[...] agarrados ao assento das cadeiras ouvindo os sons da caixa de Pássaro Volante. Palavras que vêm das pilhas. Redondelas de salitre e lata” (JORGE, 2010, p. 151). A descrição dos ouvintes “agarrados ao assento das cadeiras” sugere uma tensão e expectativa relacionada às palavras que estão sendo transmitidas através da “caixa dos sons” de Pássaro Volante.

A menção às “vozes que vêm da caixa dos sons” sugere uma certa estranheza ou artificialidade na transmissão dessas palavras. As palavras “redondelas de salitre e lata” sugerem uma certa dureza e falta de naturalidade em sua forma. “Salitre” evoca o pensamento algo árido e sem vida, enquanto a palavra “lata” sugere algo metálico e artificial.

A menção à “caixa dos sons” sugere uma distância e alienação na linguagem e à comunicação, enquanto a tensão e expectativa dos ouvintes sugere uma importância e urgência em relação às palavras que estão sendo transmitidas. Assim, a imagem da alienação fica pintada uma vez mais, pois não era possível que chegasse uma informação sobre o governo de Marcello Caetano, permanecendo no mesmo regime.

Por meio da leitura da obra, percebemos quando o questionamento da personagem relacionada a revolução, demonstrando e compreendendo que a ditadura tinha acabado e as pessoas de Portugal receberam a liberdade. Por exemplo, quando os soldados anunciam que chegou a “hora dos humilhados”, Manuel Guertrudes revelando sua falta de consciência política, responde: “E quem são esses?” (JORGE, 2010, p. 180). As pessoas já não acreditavam mais na liberdade devido muitos anos ter se passado; tinham perdido a esperança e acreditavam que seria uma mera

alternância de poder, pois Caetano adotou boa parte do regime salazarista, como opressão, centralização do poder, silenciamento da liberdade de expressão.

Embora uma notícia de uma possível melhora tivessem chegado, o país continuava atrasado em alguns aspectos, como educação, acesso à informação, saúde e na vida política, demonstrando assim uma democracia ainda muito fragmentada. O governo promoveu uma política de desenvolvimento centrada nas grandes cidades, que afetou áreas rurais e afastadas. Então, essa política econômica afetou diretamente as regiões mais pobres, de Portugal e Vilamaninhos através dessa representação, que não receberam investimentos do governo. Posto a isso, o salazarismo foi marcado pela repressão política e pelo controle da liberdade de expressão. Em Vilamaninhos, essa repressão se manifestou enquanto autoridades locais corruptas e violentas, que mantinham a população sob controle e silêncio. A razão, a população da vila foi mais afetada pelo salazarismo que gerou um clima de opressão, desesperança e desconfiança.

Em Vilamaninhos as pessoas permanecem escravizadas na mesmice, tanto em um sentido moral quanto relacionada consciência política, pois foram impedidas de saber e compreender todo aquele regime vivenciado na capital e quando foi iniciada mediante os soldados vieram avisar as pessoas sobre ela, a vila continuou apática. Esse evento foi capaz de sanar a ditadura trazendo esperanças de melhorias aos afetado e prejudicado por esse sistema de governo.

Nessa mesma perspectiva, Lincoln Secco (2004) faz uma ressalva, que: “A Revolução ocorrida de abril, sendo esta herdeira do poder da ditadura salazarista, que se sustentou, durante algum tempo, apenas através da força de Lisboa” (SECCO, 2004, p. 50). Nesse aspecto, Secco (2004) enfatiza que o ocorrido após a ditadura são marcas advindas do regime salazarista. Desse modo, de Salazar, Caetano foi um político conservador e autoritário, embora tenha tentado promover algumas reformas moderadas para modernizar a economia portuguesa, porém essas melhorias não foram suficientes, pois o povo ainda não vivia uma real democracia.

Nesse foco, percebemos que, mesmo tendo a liberdade, acostumaram-se com aquela maneira de viver, devido ao longo período presos, sem viver social e cultural. Com a liberdade obtemos a paz, porém notamos, uma falsa paz. Isso pode ser observado no seguinte trecho: “Mas, no meio do redondo mais íntimo sempre fica Vilamaninhos, colado às esferas pelas bordas da terra, cozida de quietude (JORGE, 2010, p.36). Compreende-se que viviam em um espaço distante de Lisboa, da crise

social, econômica, mostrando uma falsa paz, sem harmonia naquele lugar. As personagens parecem viver uma apatia, sem enfrentar diretamente os problemas que os cercam. Entretanto, no desfecho da obra, a falsa paz começa a se desfazer a partir dos conflitos se tornam mais intensos.

Ao discorrer sobre bordas da terra sugere que Vilamaninhos é uma cidade isolada e distante, que existe no mundo particular. A autora descreve a cidade como um lugar pacífico e tranquilo, levando ao pensamento de harmonia e paz. Porém, essa descrição contrasta com as tensões conflituosas que permeiam na história, sugerindo que a tranquilidade aparente da vila é apenas superficial. Então, o trecho é uma descrição poética da vila, em uma linguagem que mostra um lugar isolado e tranquilo, mas que esconde tensões e conflitos profundos. A linguagem poética da autora cria uma atmosfera de mistério e complexidade em torno da cidade.

Nesse enfoque, para explicar sobre o espaço crítico social que os personagens vivem em Vilamaninhos, Luís Alberto Brandão (2010) ressalta que: “o ‘espaço social’ é tomado como sinônimo de conjuntura histórica, econômica, cultural e ideológica” (BRANDÃO, 2010, p. 24). A conjuntura histórica de do espaço social de Vilamaninhos reflete a transição tumultuada e lenta da ditadura para a democracia, com as mudanças políticas, socioculturais que marcaram esse período. A história também retrata a resistência da elite conservadora e a luta da população por liberdade e justiça pela desigualdade e opressão.

Economicamente, a comunidade passava por um momento difícil, após anos de ditadura. Na vila, o poder local era mantido por uma elite que se beneficiava da corrupção e da exploração econômica. Culturalmente, em Portugal, houve uma liberação dos costumes, com maior liberdade de expressão. No entanto, essas mudanças não chegaram a Vilamaninhos, que é retratada como uma cidade conservadora e opressiva, onde as tradições e valores antigos ainda são valorizados. A vila fictícia, criada pela autora, vem representar a situação histórica que abalou não só a economia, mas a psique, são representadas pelas personagens em conjunto com o real das suas vivências, afetou de forma irreversível perante o pensamento daquelas pessoas conforme podemos ver na seguinte passagem:

A saber, Vilamaninhos tem seis braços. Dois são feitos de casas ao longo da estrada que a atravessa, fita de alcatrão que se esburaca como roupa puída. Primeiro uma nódoa de pedra a emergir do pez, depois uma, duas britas nítidas, apenas aglomeradas. Em seguida uma solta-se, outra, e debaixo dessa outra, outra. E logo a terra à vista como um óculo. Vejam a porcaria da

estrada. Os outros dois braços são o resto da antiga, da macadamizada, sinuosa e às lombas, como correnteza de telhado mourisco. Sempre o cantoneiro a compor-lhe o saibro. (JORGE, 2010, p. 79.).

Fica evidente, ao falar de Vilamaninhos, o narrador detalha sobre o espaço que vivem poucas pessoas já na primeira linha. Ela se expressar sobre as casas do lado direito e esquerdo, porém é bem apertada e pequena e de difícil acesso, sem importância nenhuma, apenas um lugar “insignificante” ocupado por pessoas sem estrutura financeira e sem perspectiva de vida.

O narrador começa descrevendo que a cidade possui seis braços, ou seja, seis caminhos principais. Em seguida, descreve dois desses braços, que são formados através das casas que está em mau estado de conservação. O narrador descreve a estrada como “esburacada como roupa puída” e “uma nódoa de pedra a emergir do pez”. Sugerindo que a estrada está em péssimo estado e que não recebeu manutenção adequada. Portanto, o narrador também descreve dois dos braços sendo aparentemente estrada mais antiga, macadamizada e que recebe manutenção frequente no cantoneiro.

O trecho, por sua vez, sugere que essa estrada é mais cênica e pitoresca da estrada de alcatrão descrita anteriormente. Em suma, o trecho destaca a importância das estradas para Vilamaninhos e a diferença de qualidade entre as diferentes rotas. As estradas de alcatrão em mau estado, dá passa a visão de crise econômica e social da cidade, que está em declínio e sem recursos para a manutenção adequada de suas infraestruturas.

Os soldados não eram bem-vistos pela comunidade. Isso pode ser visto na obra escreve acerca deles em: “Os vizinhos falavam e pensavam no que faria o soldado tanta hora embiocado à volta da saia de Carminha” (JORGE, 2010, p. 67). O termo “embiocado” pode entender-se como “enrolado”, sugerindo que o soldado está gastando muito tempo conversando com Carminha sem chegar a um ponto ou objetivo específico. Já a expressão “à volta da saia de Carminha” indica que o soldado está se aproximando muito dela, aparentemente com intenções flertantes ou amorosa. A frase “Os vizinhos falavam e pensavam” indica que há uma especulação e um fofoca entre as pessoas da comunidade em virtude de Carminha. Se questionando se há um romance entre eles ou se o soldado está fazendo algo inadequado ou impróprio.

A cena também pode sugerir uma crítica sutil às atitudes patriarcais que permitem que um soldado tenha tanto poder e liberdade para flertar com uma mulher

em público. Assim, afirmamos que eles eram vistos com ceticismo, pois aquele povoado temia o que poderia acontecer na sua moradia. Assim, são retratados com uma complexidade, que variam de personagem para personagem em virtude as circunstâncias na vila. A presença dos militares na vila é vista com sinônimo de ameaça e guerra, tendo-se em vista o poder concedido a essa classe de pessoas.

Embora os *Prodígios* continuassem ocorrendo sem haver uma compreensão, sempre, devido essa falta de compreensão, interpretavam o que ocorria de modo negativo, em vigência de uma perspectiva não havia esperança de melhoria. A comunidade do Vilarejo olhava para esses acontecimentos com certa desconfiança, pois aos olhos dessas pessoas, tais eventos ocorriam para enganá-los. No cerne desses acontecimentos, os “soldados garbosos e épicos” são vistos pelo povo como símbolos de libertação e de mudanças políticas e sociais no país.

Todavia, com o avanço histórico, as pessoas começaram a se sentir desiludidas com a atitude dos soldados, pois, em vez de, ajudar a resolver os acontecimentos, eles se envolvem em comportamentos questionáveis, como o envolvimento com Carminha, até mesmo violentos. Além do mais, os soldados abusavam de seu poder e exploram a população local. Assim, as pessoas se sentem enganado pelos soldados, pois acreditavam que eles seriam responsáveis por trazer mudanças positivas para a cidade, mas em vez disso, eles se mostraram arrogantes e insensíveis às necessidades e desejos dos habitantes locais. Esse sentimento de desilusão e frustração contribui para a tensão crescente entre os soldados e a população.

Percebemos a convivência em meio a desinformação perante os acontecimentos ocorridos na capital, o qual representava os atrasos sofridos no governo de Salazarista. Ele seguiu uma política de autarquia econômica, que buscava reduzir a dependência dos países, que limitava o acesso de recursos e tecnologias estrangeiras, levou o país ao isolamento em outras nações europeias e não investia em infraestrutura, para citar alguns retrocessos de seu governo. J. J. J., personagem este que na narrativa falava do espaço onde viviam seus ascendentes, faz uma comparação e deixa marcado que Vilamaninhos estava igual a “Vilamurada”, lugar antigo onde viviam seus avós. Observemos o trecho a seguir:

As pessoas viviam além atrás dos cerros, além, além. Chamava-se Vilamurada. Ficava aí a umas três horas de andamento na direção do mar. Era sim. Dizem que era uma terra boa para viver. (...) Mas tinha o senão. Oh

Esperancinha. Tinha o grande senão. As tropas dum rei que morava em Lisboa passavam por ali quatro ou cinco vezes no ano, a galope, para as bandas de Silves e Faro (JORGE, 2010, p. 31).

O fragmento acima dá continuidade a fala do personagem J. J. J., o qual mostra o quanto Vilamaninhos era distante e esquecida, porém este lugar representa Portugal não haveria uma importância por parte dos soldados vivendo distante de Portugal, e não havia um alguém que chegasse para compreender a situação, mas enquanto em Portugal acabava a ditadura, o povo português que residia distante de Portugal, continuava a viver sem ter esperança de viver dias melhores, pois mostra-se insuficiente a transição de poder político, e necessita que haja uma intervenção real e ativa do novo governante em áreas afetadas, devastadas pelo regime opressor.

Nesse excerto, a localização da cidade que fica “além atrás dos cerros”. Note que o termo “além” se repete três vezes na mesma frase, o que indica uma ênfase no isolamento dessa cidade e demais lugares. Em seguida, a narradora informa que Vilamurada era uma “terra boa para se viver”. Boa em que sentido? porque que tinha um grande problema, o “grande senão”: as tropas do rei de Lisboa passavam por lá várias vezes ao ano, galopando em direção às cidades de Silves e Faro. Essa descrição sugere que Vilamurada era uma cidade pacífica e isolada, mas que era afetada pela guerra e pela presença do exército do rei.

O trecho de evoca uma sensação de isolamento e vulnerabilidade de Vilamurada, estar distante das cidades maiores e dos centros de poder, ainda era afetada pela guerra e pela instabilidade. A frase “Oh Esperancinha” pode ser vista com lamento ou de tristeza diante do problema mencionado anteriormente, ou seja, a passagem das tropas do rei pelo caminho que passa pela cidade, mostrando que a esperança de dias melhores era pouca, ou quase nenhuma.

Ainda sobre a personagem J. J. J, salientamos que seu nome tem um significado simbólico na história. O nome José significa “aquele que acrescenta” ou “aquele que aumenta”. Isso pode ser interpretado como uma referência à expectativa de que José Jorge Júnior (J.J.J) irá continuar a prosperidade e sucesso de sua família, acrescentando à herança deixada por seu pai. Jorge significa “agricultor” ou “aquele que trabalha a terra”.

Visando a interpretação como uma referência à origem rural, inclusive da escritora da obra nascida em Boliqueime e é filha de agricultores. Júnior é usado para indicar que J. J. J. é o filho homônimo de seu pai, o que reforça dando continuidade e

tradição familiar. Portanto, sobrenome Júnior também sugere que José Júnior está sendo pressionado a seguir os passos de seu pai e assumir a liderança dos negócios familiar. o nome J. J. J. é importante porque reflete as tensões e pressões que existem na tradição familiar e a pressão que os filhos sofrem para seguir o caminho estabelecido pelos pais.

3 VILAMANINHOS ENQUANTO FECHAMENTO

Na obra *O Dia Dos Prodígios*, destaca-se a temática da liberdade em vários aspectos. Apresentando em grande efervescência sociopolítica marcado pela luta pela liberdade e democracia embora essa luta implique em uma possível abertura da consciência para acontecer. Entretanto, a obra não se limita a idealizada liberdade como um bem a ser alcançado por todos. A escritora retrata as limitações e ambiguidades da liberdade, mostrando que ela pode ser uma faca de dois gumes. Além disso, observamos as potencialidades da liberdade individual que ainda é permeada por preconceitos e desigualdades, segundo a análise que se segue os vilamaninhenses. Nota-se o estado alienatório na imagem em ação contínua e, portanto, um círculo vicioso, enquanto nos soldados, observamos a possível liberdade.

3.1 Entre espaço e alienação: a luta por liberdade em O Dia dos Prodígios

Os estudos literários são de fundamental importância para compreendermos criticamente como se representa a escrita fictícia. Assim, partindo desses pressupostos, a autora investiga a imaginação do leitor ao retomar os processos históricos que apresentam uma sociedade desunida, conforme vemos representado na separação entre os grandes centros urbanos e a zona rural de Portugal.

Na obra, torna-se perceptível as características pós-modernistas, pós-modernismo, que é evidenciada com parágrafos desalinhados e uma escrita diferenciada dos padrões exigidos. Linda Hutcheon (1991), em seu livro *A poética do Pós-Modernismo*, diz que o pós-modernismo “é um fenômeno contraditório, que usa e abusa, instala e depois subverte os próprios conceitos que desafia” (HUTCHEON, 1991, p. 19). O pós-modernismo não rejeita completamente as tradições e convenções da literatura, mas sim as utiliza de maneira irônica e subversiva.

Esse movimento artístico é caracterizado por uma atitude cética diante das narrativas e verdades universais, e muitas vezes recorre a técnicas de colagem, paródia e pastiche para questionar a autoridade dos gêneros e estilos literários tradicionais. Posto a isso, desafia esses conceitos, pós-modernista muitas vezes os utiliza de maneira irônica, subvertendo as expectativas criando uma sensação de ambiguidade e incerteza. Inclusive, o título da obra já delinea o aspecto do elemento

místico no contexto desse trabalho de Lídia Jorge. Ou seja, o místico, é representado em um tripé, sobre o lema salazarista: “Deus, Pátria e “Família”. Tal estrutura foi usada para sustentar uma política alienadora e opressora do salazarismo.

Ao citar o personagem José Pássaro Volante, que é visto perante a aldeia como um mensageiro divino, capaz de prever eventos futuros e interpretar os sinais enviados pelos céus. Sua representação é envolta em mistério, e sua sabedoria é considerada sobrenatural. Os místicos dessa narrativa se mostram útil para abordar questões mais profundas, como ao divino e o humano, a crença que buscam significado para os acontecimentos. Em suma, o tema místico é um elemento importante em *O Dia Dos Prodígios*, ajuda a explorar questões mais profundas relacionadas à crença, significado e tradição. Sob essa ótica, o fator místico de Portugal, na obra expressa uma crítica à religião oficial demonstrando o quanto as pessoas ficam alienadas e se importam somente com os sinais prodigiosos. Pontuamos em primeiro momento a cobra, vem demonstrar o desequilíbrio tanto socioeconômico quanto religioso no espaço diante do qual os personagens viviam.

O elemento simbólico é mencionado várias vezes. É um animal improvável e surpreendente, que desafia a lógica e a racionalidade. Aparece quando a narradora, ainda criança, ouve uma história sobre esse animal mágico e maravilhoso. Ainda é descrita como uma criatura que vive nas montanhas e voa livremente, sem amarras ou limitações. Dessa forma, essa figura simboliza a liberdade e superação das barreiras impostas pela vida.

Ademais, a cobra apresentada na narrativa é interpretada como um símbolo da transgressão e da subversão. A cobra é um animal ligado à astúcia, e sendo voadora torna ainda mais desconcertante e imprevisível. Esse ser alado pode ser visto sobre a quebra normas e as convenções sociais, representando um afastamento radical. Como também é um símbolo importante na obra, representando a esperança, a liberdade, a transgressão e a transmissão uma mensagem otimista e idealista sobre a capacidade do ser humano de superar as limitações impostas pela vida e alcançar um futuro melhor.

Desse modo, os prodígios ocorridos em Vilamaninhos se concentravam em expressar uma ficção que pudesse retratar a realidade representada por eventos sobrenaturais sem explicação. Na obra de Jorge, somos levados a experienciar uma constante sensação de medo e temor do que poderia vir a acontecer. Outrossim, aos “fantasmas” que os assombram, permanecem indiferentes com o pensamento

devotado aos sinais que aconteciam, os quais os levavam a desacreditar das possíveis mudanças que podem ocorrer em Vilamaninhos.

Em um formato preciso, os fantasmas que assombram boa parte dos vilamaninhenses são os traumas. Há uma sensação de deslocamento e alienação entre os veteranos, que têm dificuldade de se reintegrar à vida civil após o final guerra. Alguns deles sofrem de doenças mentais ou físicas relacionadas ao combate. José Pássaro Volante, por exemplo, que é portador transtorno psicológico que o faz acreditar que é tem capacidade de voar. Diante das marcas profundas na comunidade e nas pessoas que viveram essa experiência, salientamos a sua falta de pensamento futurista, como observamos no trecho seguinte:

O futuro é o presente a andar lentamente para trás. Na verdade, abafava-se dentro de casa ou à janela, e mesmo sobre a calçada se ouvia o sussurro dos gafanhotos pedalando de pasto em pasto. Os telhados ondulavam sobre as paredes como se fossem cair e as paredes das casas abriam bocas como se fossem romper-se. (JORGE, 2010, p. 186).

No contexto da personagem Carminha, se fragmenta uma grande reflexão acerca de como os portugueses, no momento da ditadura, dia após dia em o místico é usado para representar uma experiência negativa, tendo-se em vista a sua característica controladora. Logo, a personagem vai fazendo uma analogia relacionada ao passado e ao futuro. “andar lentamente para trás” sugere que a construção do futuro pode ser um processo difícil e que, às vezes, pode parecer que se está retrocedendo ou perdendo terreno.

Após o término da Guerra Colonial Portuguesa, muitas das personagens têm dificuldade de voltar à vida civil e encontrar a esperança para o futuro. O fragmento mostra que a construção do futuro é um processo complexo e que muitas vezes requer olhar para o passado e o presente para encontrar soluções para os problemas atuais e construir uma base sólida futurista.

Ao pensar sobre telhados ondulando e a queda sugere que a estrutura física da vila está ameaçada, talvez pela guerra que devastou o país e deixou muitas cidades e vilas em ruínas. As paredes abrindo bocas romper-se pode sugerir asfixia e opressão relacionada ao passado e presente. A figura linguagem da personificação “as paredes das casas abriam bocas” dá às casas da vila uma característica quase humana, como se estivessem vivas e sofrendo. Essa personificação sugere que as casas também compartilham do sofrimento e da tensão que a comunidade está

passando. Dessa maneira, o excerto evoca uma sensação de tensão e instabilidade ao futuro da vila e de seus habitantes, que lutam para encontrar a redenção e a destruição.

Ela ainda se utiliza de uma alegoria ao falar sobre a janela da casa e pensando sobre os eventos acima descritos pela personagem. É notório que a casa é apresentada como um lugar de proteção, porém em virtude da convivência dos personagens é tida como uma prisão interior. Seguindo a perspectiva histórico-política lusitana, a Revolução dos Cravos, em 25 de abril de 1974, que foi liderada pelas forças militares e teve grande apoio popular, resultando no declínio do Estado Novo, representa essa luta pela liberdade que vem de dentro, do interior.

Fato que evidencia ainda mais quando ela faz menção da palavra “abafava-se”, a qual relacionamos ao ato de silenciar, pois não se contesta o regime soberano em vigor, pois embora as janelas trouxessem a vista do lado exterior, as pessoas continuavam a se fechar no místico, a desordem, porém permaneciam com a consciência afetada, presos e indefesos diante do esquecimento e jogada à mesmice do cotidiano. As coisas pareciam não melhorar politicamente que pregava os ideais, os quais eram baseados em valores conservadores, nacionalistas e católicos, que enfatizavam a ordem, a disciplina, a autoridade e a estabilidade.

Conforme estes aspectos, o trecho que mostra Carminha na janela, observando a presença do exterior, olhando para o exterior daquele lugar sem importar-se está dentro ou fora, assinala que esperança de dias melhores se esvaem. Diante disso, identificamos um aspecto alienatório. Para além disso, quando Carminha demonstra situação na qual se encontra, ela também prevê que no futuro não ocorrerá mudanças significativas, especialmente no aspecto político, novo para aquelas pessoas ocorrerá também no futuro, “o futuro é o presente a andar para trás”. A personagem em foco ainda fala da situação em termos catastróficos através da figura dos gafanhotos.

Dentro da perspectiva da simbologia bíblica, eles eram vistos destacados pragas do Egito, como um símbolo de destruição, pois onde passavam, deixavam o rastro de devastação nas plantações, inclusive em Vilamaninhos. Logo, se vê nessa imagem um sinal de mudanças negativas. Notamos o esquecimento no espaço não foi apenas algo passageiro, mas um desprezo que permeou continuamente. Conforme David Birmingham (2015, p.202) “[...] em 1968, a gestão de Portugal e no império, passou, quase como soluço, de Salazar para Caetano”. Diante desses apontamentos,

percebemos que a saída Salazar do poder, continuou a ser estabelecido o regime ditatorial.

Além disso, durante a trajetória permanece de forma evidente no *corpus* textual, o devaneio permanência no estado de alienação, conforme expresso no trecho a seguir: “E Maria Rebôla disse. você é herege, porque não respeita os sinais” (JORGE, 2010, p. 37-38). Nesse trecho, é notável que se alguém tenta se impor ou desrespeitar os sinais, é considerado um “herege”, alguém que vai contra a ordem e o sistema vigente. Percebemos também, que a consciência dessas personagens está cauterizada. ou seja, insensíveis para ouvir a voz dos “hereges” que estão clamando contra os sinais.

Outrossim, a linguagem usada para abordar o espaço, enquanto elemento, que retrata fatores sociais, pois Macário estava desacreditando do sinal da cobra, ela usou em seu discurso a palavra “herege” para se expressar conforme as crenças religiosas daquela sociedade. As pessoas viviam em situações difíceis psicologicamente e não conseguiam assimilar a situação que vivenciavam, pois permaneciam reféns do governo.

Lídia Jorge traz uma análise profunda e sensível das diferenças de classe social na sociedade lusitana de seus dias, mostrando tanto as desigualdades e injustiças como as possibilidades de mudança e transformação. Vejamos o trecho a seguir: “Que aquela era a hora dos humilhados e oprimidos. E quem são esses? Perguntou Manuel Gertrudes. Quem são esses? E o soldado encheu o peito. Vocês. Vocês. São vocês. Respeita. Sem o saberem [...]” (JORGE, 2010, p. 180.).

No trecho é possível observar que há uma diferença de classes sociais enfatizada na figura dos soldados em Vilamaninhos e nas demais personagens, compreendemos que, quando os soldados do rei de Lisboa chegam, a personagem questiona sobre a identificação, deixando evidente a mínima importância do povo de Lisboa em relação ao povo as pessoas do interior, representado por Vilamaninhos, pois não era costume chegar pessoas diferentes naquela vila.

Conforme esses aspectos, quando o trecho apresenta a reação dos soldados, fica explícito que eles exercem uma ação soberania em virtude dos indivíduos Vilamaninhos, pois mesmo anunciando o final ditadura e da passagem da Revolução dos Cravos de 1974 para a abertura da democrática, não se incomodam ao ouvir aquelas pessoas, como elas se encontravam durante todo aquele tempo, ao contrário, as pessoas continuavam em uma falsa liberdade pela falta de acessibilidade que

continuava persistindo na consciência daquelas pessoas. Esse evento histórico preserva a narrativa, serve de ilustração para o alheamento. Na história portuguesa, pois esta revolta militar trouxe abaixo um regime político fascista, que vigorava em 1926.

A Revolução deve ser encarada com a previsão de esperança, avanço, inovação diante do o olhar do mundo, porque finalmente libertou Portugal de uma severa ditadura. Mesmo após a Revolução, quem vivia distante dos grandes centros urbanos, como Lisboa, Sintra, Porto, continuou a fazer serviços manuais pesados e completamente sem recursos para levar uma vida confortável, incluindo saúde, educação e bem-estar social, por exemplo.

Nesse sentido, nos referimos a Vilamaninhos, como um pequeno pedaço de mundo de *O Dia Dos Prodígios*, verifica-se um impacto não tão favorável, porque envolveu uma vila do interior Algarve, que não mudou com as transformações de Portugal, pelo contrário, permaneceu estagnado e sem interagir e progredir. Daí transcendência de sermos conscientes quanto à autonomia e responsabilidade comunitária, contrastando a atitude das personagens da referida obra. Destarte, como em Vilamaninhos as pessoas responderam à Revolução demonstra a ausência de sintonia com seu entorno, o que, claramente, denuncia o profundo estado de alienação dos habitantes daquele lugar.

Essa condição de espírito impera, tal que, o único meio de contato com o exterior ao espaço onde viviam, era um rádio da personagem José Pássaro Volante. Através desse instrumento de comunicação é que chega a notícia da Revolução, Maria Rebôla, a qual afirma: “em Lisboa os soldados fizeram uma revolução para melhorarem a vida de toda aquela gente? Uma revolução? Um grande golpe?” (JORGE, 2010, p. 155). Embora a Revolução dos Cravos tenha derrubado um regime autoritário e trazido mudanças significativas, o trecho sugere que as consequências e benefícios dessas mudanças não foram sentidos por todas as pessoas de forma igual ou imediata.

Para mais, a personagem parece fazer uma abordagem de questões importantes sobre as limitações das revoluções como ferramentas de melhora, caso não haja um comprometimento contínuo em lutar até que todos sejam alcançados. Ademais, ressaltamos o aspecto simbólico no nome do personagem José Pássaro Volante. Em termos simbólicos, José Pássaro Volante faz a representação a liberdade, a comunicação e a busca por uma vida melhor. Como treinador de pombos-

correios, em diferentes aldeias e regiões, permitindo que informações e notícias sejam compartilhadas rapidamente. Essa habilidade é importante na história, pois possibilita que veja além das aparências superficiais e entenda as verdadeiras motivações e necessidades dos personagens. Em resumo, José Pássaro Volante é um símbolo de liberdade, comunicação e perspectiva elevada em *O Dia Dos Prodígios*.

Dada a importância dos temas alienação e distanciamento, que permeiam durante o romance. A alienação é evidente por parte dos personagens da vila vivem suas vidas; elas parecem estar presas em um ciclo interminável de pobreza e miséria, sem muitas esperanças de escapar disso. Do outro lado, o distanciamento é sentido não apenas encontra-se interligado ao mundo exterior, mas também entre as próprias personagens da vila. Eles parecem estar divididos e isolados, sem muita solidariedade ou senso de comunidade. Esses temas tratam sobre dificuldade conexão e integração dos personagens com o exterior e entre si. Eles ficam ainda mais flagrantes ao observarmos a fala da porta-voz da comunidade, a personagem Jesuína Palha, quando diz:

E essa gente se quisesse nem precisava calçar sapatos para andar. Lá todos os dias as ruas são limpas de madrugada, para não incomodar os passantes. E as luzes. Dizem. Ficam acesas toda a noite, para alumiar as casas. [...] Aqui é uma tristeza. Vejam. Mesmo as ruas que as donas queriam ter limpas, cedo ou tarde parecem um mar de porqueira em campo de besaranha. Vejam. Vejam em redor. (JORGE, 2010, p. 166-167).

Aqui, vemos de maneira enfática, a distância que existia no espaço descrito pela própria personagem, se exhibe como algo revelador tanto das diferenças sociais, que causam considerável distanciamento entre as várias classes, quanto distanciamento psíquico na populacional que vive próxima ao centro do país. Logo, além do estado de estagnação mental daquele povo, se torna perceptível na narrativa, também, a ironia.

Linda Hutcheon (2000, p. 19), na obra *Teoria e Política da Ironia* aborda “a ‘cena’ da ironia é uma cena social e política”. Hutcheon(2000) argumenta através ironia a linguagem que permite os indivíduos desafiem as convenções sociais e políticas de modo aberto e confrontador. Ao invés de atacar diretamente as normas estabelecidas, a ironia as enfraquece a inversão ou subversão de seu significado. A ironia é a resistência cultural que permite questiona-se as estruturas de poder e as normas sociais estabelecidas de maneira sutil, mas eficaz.

A fala de Hutcheon (2000), sobre a “cena” da ironia como um espaço social e político destaca a importância da linguagem como uma ferramenta de resistência e subversão contra as normas sociais e políticas estabelecidas. Ela permite que os indivíduos questionem essas normas de maneira sutil, mas eficaz, desafiando as estruturas do poder.

Nesse caso, a ironia é implementada em reação dos vilamaninhenses ao se defrontarem com os militares, pois os soldados ao informar os moradores daquele vilarejo, sem compreender a importância daquele fato para o avanço da sociedade como um todo, acreditava que estavam ali por qualquer outro motivo, menos para anunciar uma revolução. Assim, recorrendo à ironia, Lídia Jorge evidencia que enquanto a maior parcela da nação portuguesa lutava pelos seus ideais, os vilamaninhenses continuavam em dormência e, logo, sem consciência.

Ainda vale dar destaque à palavra “besaranha” aqui a palavra regional portuguesa e parece estar sendo usada para descrever o estado sujo e descuidado das ruas, área negligenciada e abandonada, sugerindo uma sensação de desolação e abandono, que a cidade está em um estado de decadência e desesperança. Em resumo, “besaranha” apresenta a atmosfera sombria e decadente que permeia na cidade.

Os efeitos da revolução devem mudar todos os aspectos, pois ela se configura como instrumento de crítica à uma ilusão democrática e valoriza a real democracia. Entretanto, ao que tudo indica, tais mudanças só afetam uma camada superficial dos moradores daquele lugar, pois as estruturas menos elucidadas, como retratadas no romance pela figura dos vilamaninhenses, permanecem inalteradas. Da comunidade de Vilamaninhos tinha a crença, que os soldados viajavam por todas as aldeias “ouvir todas as queixas” (JORGE, 2010, p. 156). E, dessa forma, livrá-los da miséria.

Embora a expectativa do povo fosse ser ouvidos, os soldados não vieram ali para escutar as histórias e problemas daquele povo, mas sim para trazer novas com idealização e significado, porém vazio de praticidade. Eles falavam de liberdade de expressão e da unidade do povo, “Quiseram ensinar. Ensinar. Mas ninguém compreendeu” (JORGE, 2010, p. 189). Primeiramente, notamos que, apesar de falar em mudanças e melhorias, não dedicam uma atenção aos problemas locais, o que mostra contradição, já que estão ideais para dias melhores. Para mais, esse tipo de comunicação frágil que se desenvolve entre os Vilamaninhenses e os soldados é demonstrado quando um dos soldados se dirige a toda a comunidade declarando que

“aquela era a hora dos humilhados e oprimidos” (JORGE,2010, p. 180). A personagem Manuel Gertrudes pergunta: “Quem são esses?” (JORGE,2010,p.180), demonstrando, assim, a sua falta de consciência política.

Diante disso, se torna perceptível representar-se fora das grandes cidades, não experienciam a Revolução, porque desconhecem o seu significado e as mudanças provocada na nação. Percebemos a Revolução demonstra o quanto cada um dos habitantes do vilarejo estava aprisionado, o que impedia-os de exercer qualquer influência sobre qualquer coisa fora daquela comunidade. Conforme isso, vale ressaltar, o paralelo, no qual Alfredo Bosi afirma: “A objetivação e a alienação, que, na fenomenologia de Hegel, são momentos progressivo cujo resultado é a plena autoconsciência, pesam neste conto de Machado além de um ideal libertação.” (BOSI, 2014, p. 243). Embora esteja analisando Machado de Assis, Bosi fala sobre alienação, na perspectiva hegeliana, se mostra salutar aqui para a discussão do tema em foco.

O escritor, apresenta, a alienação ter sido apresentada na obra hegeliana como uma categoria social, aparentemente relacionada distinção ambígua entre alienação (negativa) e objetivação (positiva), Bosi(2014), ressalta que Hegel adotar o posicionamento sobre superação da estranheza implica a superação do objetivismo, que resulta em um retorno à autoconsciência e ela como indicativo de libertação.

Sob essa ótica, Bosi(2014), enfatiza que Hegel assinala sobre a teoria da alienação mental que implica numa lógica da reflexão sobre a teoria da exteriorização e do retorno da exteriorização, mas que esse retorno se mostra ainda deficiente ou incompleto. Por outras palavras, nas decisões de reflexividade, como são descritas pelas leis do pensamento lógico tradicional, a reflexividade está fora de. pois, ele se constitui apenas de determinações alienadas do pensar especulativo.

A alienação dos Vilamaninhenses é mostrada como uma determinação desse pensar especulativo, que os impede de sair desse campo abstrato e vir de encontro à realidade e se libertar. Posto a isso, o espaço como ambiente social é produzido na obra em questão para representar através de alegoria e símbolos um Portugal marcado por traços de esquecimento e de miséria trazida pelo regime ditatorial. Desse modo, António Salazar construiu uma grande carreira política marcada pela repressão, autoritarismo e a antidemocracia.

No contexto desse regime autoritário, Vilamaninhos se constitui, após a Revolução dos Cravos, como um símbolo alheamento. Os motivos gerados por esse acontecimento histórico não causaram grande impacto na vida daqueles indivíduos.

Entretanto, *O Dia Dos Prodígios* traz o foco da mudança, demonstrando como surge as informações que vêm de lugares distantes. A população juvenil se faz presente em menor escala na comunidade, sendo este um reflexo do quão arcaica e resistente à mudança.

3.2 Possível desconstrução da alienação no espaço de Vilamaninhos

No tema implícito no texto, é importante notar que, com exceção das personagens icônicas conhecidas como “Carmas”, as quais, acabam assumindo um posicionamento não somente de isolamento, mas, também, através dessa decisão, demonstram uma não comunhão da aldeia. Desse modo, vemos nas figuras dessas personagens sobre a possível desconstrução “pelo lado interno da vila” da alienação, que abarca, praticamente, essas questões. Também pensamos nessa possibilidade de desconstrução produzida através da imagem dos soldados “pelo lado externo de Vilamaninhos”.

Segundo Simon Schwartzman (1961), o pensamento hegeliano limita a liberdade ao egocentrismo do sujeito, de passagem de si para o objeto necessário para a conquista do centro. Mas, ainda que seja o momento ideal, a centralidade não se caracteriza pela incapacidade, mas sim pela atividade contínua. Esta é a marca do espírito porque passa de si para o outro. Dessa maneira, fica claro que a consciência é a responsável pelo ato de pensar e agir criticamente no mundo. Quando fala em liberdade pela analogia do senhor e do escravo, sob o ponto de vista hegeliano, Schwartzman (1961) no seu texto *Para um conceito sociológico de alienação política* pontua que:

Pela potência da negatividade e a cultura que lhe traz o trabalho, o escravo percebe sua possibilidade de ser livre, de atingir a liberdade que reside em ordenar sua existência a partir da idéia que faça de si mesmo. Sem condições de efetivar esta liberdade que sabe possuidora, a consciência do escravo se transforma em consciência infeliz, que busca a liberdade dentro de si mesma, sem efetivá-la concretamente. Torna-se estóica, cética, e finalmente religiosa, projetando para fora de si a liberdade que sabe possuir mas não assume. Pela religião, a consciência infeliz projeta no deus sua liberdade, e consola-se com a esperança da felicidade em outra vida (SCHWARTZMAN, 1961, p.3)

A análise de Schwartzman (1961), a partir de Hegel é importante porque evidencia como a percepção da liberdade pode ser influenciada por condições

históricas, relacionado a escravidão. Além disso, mostra como a busca pela liberdade pode levar a vários caminhos, como a religião, e como a consciência infeliz pode surgir diante de uma impossível liberdade no mundo concreto. Ele busca apresentar de forma simbólica na dualidade senhor-escravo. Se entende, pois, que o Senhor é uma consciência autônoma movida pela vitória e pela liberdade. O estudioso fomenta que, o escravo tem na mente a possibilidade de ser livre e de ordenar sua própria existência, mas é impedido de efetivar essa liberdade pela falta de condições concretas.

Conforme posto na abertura dessa seção, as “Carmas” se mostram como potenciais representações de uma libertação do espaço alienante em Vilamaninhos. Para atestar esse fato, no trecho que se segue: “Ah filhas de sua mãe. Que aqui estão estas duas dentro de casa sem saberem de coisíssima nenhuma. Não me digam que não ouviram um barulho de gente revoltada. E estas aqui debaixo de telha e à fresca” (JORGE, 2010, p. 20). A personagem parece fazer uma crítica, aparentemente, escolhem permanecer passivas em situações de conflito ou opressão, em vez de se envolverem ativamente para lutar em virtude de dias melhores. Em resumo, trecho destaca a conscientização e do engajamento ativo para alcançar mudanças significativas na sociedade.

Embora, em primeiro momento, o fato do isolamento das personagens dentro de casa é visto alienação pelo espaço que ocupam, também existe outra perspectiva nesse evento, qual seja, o não comprometimento corriqueiros. Quais as implicações disso? Bem, elencamos pelo menos duas. Primeiro, que essas personagens não interajam com o prodígio mostra um nível diferenciado de consciência das outras personagens, pois não participam dos debates que os residentes no vilarejo se envolvem. Essas condições podem ser atribuídas às “Carmas”, porque manifestam um esforço, ainda que não explicitamente consciente, de deixar seu estado nativo para uma potencial de melhoria. Elas parecem demonstrar que se ficarem circunscritas ocorrente na aldeia, as personagens serão levadas a lugar nenhum. Resulta, pois, no desinteresse deles pelos eventos envolvendo os vilamaninhenses.

Os indivíduos estão investidos de papéis sociais dentro do espaço que estão inseridos na sociedade. Um desses papéis é a autoconsciência. Seguindo, a hierarquia se faz presente, sendo composta pelos níveis de consciência que cada personagem exhibe. Nesse caso, vemos esse exercício através do papel de consciência das “Carmas” em circunstância sociedade de Vilamaninhos. Sob essa

ótica, o texto narrativo aponta "as Carmas" como uma crítica aos vilamaninhenses, já que a alienação girava em torno da vida de Carminha e do fato dela e sua mãe passar permanecer em casa, como pode ser visto no trecho a seguir:

Que vocês as duas ficam em casa fazendo rendas e balaios de empreita, sem quererem saber do que se passa com os outros. Ficam aqui alimpando as janelas como filhas, e aparando as poias debaixo do rabo das galinhas para que não lhes sujem a rua. (JORGE, 2010, p. 24).

Conforme esse excerto, a personagem Carminha se encontra presa ao espaço interior de seu lar, a limpeza parece lhe proporcionar uma melhoria no seu "eu" interior, pois assim como ela tinha liberdade de agir dentro de casa e buscava sempre a harmonia, ela também busca uma possível melhoria, uma possível mudança visa casa necessitava estar em harmonia. Logo, como essas personagens agem diferente das outras, os atos delas sinalizam o desenvolvimento de um nível de consciência que caminha para a transformação e não para a estagnação, como ocorre com a maioria da população que habita naquele lugar.

Essas personagens podem se desenvolver, pois, elas já estão à frente delas. O isolamento e a desesperança persistiram, e não mudanças, parecia se estabelecer uma certa sobrevivência limitada. Ademais, as personagens fazem crítica ao ato excessivo de limpeza de Carminha em seu lar, a única na vila que está (conscientemente ou não) buscando mudanças, pois em a *Poética do Espaço* do teórico da literatura Gaston Bachelard (1998, p. 59), pontua: "sabemos bem que nos sentimos mais tranquilos, mais seguros na velha morada, na casa natal, a qual, as ruas que só de passagem habitamos". Fica evidente uma crítica a qualquer tentativa de mudança.

A comunicação oral é estabelecida na vila em um processo alienatório. A alienação pode estar ligada à consciência mítica e supersticiosa personagens, estabelecendo um vínculo com a consciência linguística. Entretanto, a consciência mítica não significa alienação nessas ocasiões, mas sim quando não levam as pessoas à praticidade.

Partindo do pressuposto, a palavra assemelha-se a ferramenta de poder que emana. A princípio, isso leva ao compreender a comunicação de fontes internas não ajudam a aos moradores rumo à liberdade. Só resta esperar por socorro de uma fonte externa: se organizarão e agirão em colaboração interna. O desfecho do romance em

um período de, literalmente, um dia de prodígios em que, se desdobram dois acontecimentos: um, sobrenatural a cobra voadora, já discutida anteriormente) e o outro, a chegada dos soldados, conforme o fragmento abaixo:

O soldado falou de novo. Dizendo. Agora. Agora as injustiças vão ser reparadas. O tesouro público distribuído igualmente por todos. Porque nos move um i de al. Perfilhado por muita gente. E somos capazes de dar a vida pela teoria. (JORGE, 2010, p. 180).

Como se observa, ao se encontrarem os soldados adentravam na vila para notificá-los, os moradores creem que aqueles homens estavam ali por qualquer outro motivo, menos para informá-los sobre uma revolução no país. Fica visível uma divergência. Ainda conforme o excerto acima, depreendemos que há uma persistência dos habitantes do vilarejo em ficar num confinamento. Esta condição de confinamento, pelos prejuízos que causa ao desenvolvimento humano dos aldeões, assume uma dimensão trágica quando confrontada com a realidade da convivência em civilização, dos soldados comprometidos com perante a Revolução mostrando-se ansiosos para iniciar o uma possível abertura de consciência daquelas pessoas ali.

Com isso posto, cabe-nos analisar a possível libertação vinda de uma fonte exterior a Vilamaninhos, já que através de seus residentes tal liberdade não se concretiza. Primeiro, a narrativa informa que “em Lisboa os soldados fizeram uma revolução” (JORGE, 2010, p. 155). Tanto a revolução é encabeçada pelos militares quanto a notícia é trazida por eles, o que implica a possibilidade de libertação do povo. Apesar dos soldados estarem presentes ali com eles, anunciando a libertação, o povo acredita que eles são seres de outra dimensão, pois Jesuína Palha diz que eles vieram em “um carro celestial. Celestial.” (JORGE, 2010, p. 177). O mundo se resumia à comunidade de Vilamaninhos, o que os leva à alienação política. Conforme Schwartzman (1961):

A alienação política vai se configurar, assim, como “alienação-reflexo”, busca de superação das contradições da situação humana, de realização genérica do homem, por via abstrata, por oposição a sua vida material, através de uma forma política que não participa do conteúdo efetivo da vida social. (SCHWARTZMAN, 1961, p.7).

Analisando o pensamento hegeliano, Schwartzman (1961) indica que a alienação política busca pela mudança da situação o qual o sujeito mostra insatisfação com ela. Desse modo, Schwartzman (1961), enfatiza que em Hegel, a consciência

humana significa ir até o estágio de autoconsciência, cuja compreensão permite uma análise seu ambiente e, como resultado, planeje suas próprias ações. Essa etapa seria precedida por uma compreensão da própria razão e realidade, graças à qual o espírito alcançaria o conhecimento absoluto e reconheceria no mundo as etapas de sua razão. É precisamente isso que ocorre na figura dos militares, pois eles entendem as múltiplas possibilidades que a Revolução promove. ou seja, superam “as contradições da situação humana”.

A primeira notícia de liberdade trazida pelos militares as injustiças serão reparadas. Na concepção dos vilamanhenses, isso parecia ser algo intangível, pois a situação em que estão inseridos se configura como alienação total, só existe aquela realidade. Voltemos, ainda, para a analogia do Senhor e do Escravo, mencionada anteriormente, proposta de Schwantzman (1961), a partir do pensamento hegeliano. Conforme as figuras, podemos identificar o duelo existente entre ambos. As representações especulativas do Senhor e do Escravo são dramáticas porque, ao se armar um conflito, a consciência primitiva de cada personagem se diferencia para reconhecer o outro como uma singularidade única. Nesse drama, caberá ao Escravo atualizar a cena e apresentar ao senhor original como alguém autoconsciente, com objetivo de provar que a posição do Senhor foi ultrapassada nesta luta.

O Senhor é concebida como tal depara, com outra consciência de si. Logo, surge uma “ameaça” ao Senhor, que é denominada de dependência “natural” de outra pessoa, sem fazer nada, responde aos seus desejos que é exclusivamente sua. Conseqüentemente, há uma demanda por uma luta de “morte”, e cada pessoa a aborda de maneira diferente. Aquele que o Senhor aceita esta exigência como necessária e quer ir até o fim, não tanto por coragem, mas por uma necessidade e “indiferença” sente pela vida e porque ambos aspiram e desejam o reconhecimento do outro.

Verifica-se que, em Vilamaninhos, o papel do Escravo é desempenhado pelos moradores, mas também pelos soldados que estão iludidos por ideais revolucionários não concretizam ainda. A segunda informação contida na passagem supracitada, sobre a divisão da riqueza e bens materiais do tesouro público essas ideias que, por fim, trariam a tão esperada liberdade, segue o fragmento:

Vejam primeiro a figura. O segundo soldado desenrolava o objecto que não envolvia afinal nenhuma arma. Com um barulho de pano esticado sobre cola e papel, apenas se desprende uma tira de madeira na ponta dum

estandarte. Vejam. Disse o soldado. E todos puderam ver (JORGE, 2010, p. 181).

Ressaltamos que o Senhor é uma consciência autônoma movida pela vitória e pela liberdade. Em contrapartida, o Escravo, para preservar sua condição de servidão e fortalecer sua participação no mundo natural das coisas, prefere se conformar no ambiente a que estão acostumados para não colocar em risco sua vida. Agora, sob a ótica do Senhor, ele é visto como um animal aprisionado. É exatamente isso que ocorre com as pessoas vilamaninhenses, visando-os se apegar a única e exclusivamente àquela realidade, mesmo quando fatores externos (os soldados) a ela apresentam argumentos e provas da libertação daquele fechamento das fronteiras e ensimesmamento.

Portanto, se estabelece muita previsibilidade de permanência naquela condição de espírito do povo ou, como diz Schwartzman (1961, p.7), “o grau de previsibilidade dos fenômenos e de sua apreensão conceitual, será inversamente proporcional à presença do elemento essencialmente a liberdade, o humano”. O próprio ser humano, pela sua maneira como age, determina sua liberdade ou aprisionamento a determinados fenômenos, pois conscientemente ou não temos de criar em coletivo as condições necessárias para nossa autonomia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A transformação econômica, social e cultural de Portugal ocorreu de maneira desigual entre as áreas urbanas e rurais. De fato, as ditaduras são adequadas para satisfazer os interesses dos grupos sociais conservadores que acreditam que um líder “messiânico” (nesse caso, António Salazar) pode trazer progresso e desenvolvimento. Assim, os quase cinquenta anos de governo salazarista causaram danos graves à cultura portuguesa que, segundo parecia, eram difíceis de reverter. O regime disseminou preconceitos e estereótipos e, dessa maneira, estabeleceu uma ideologia dominante, o que levou a uma estagnação e conformismo no catolicismo, desse modo, a sociedade evoluiu principalmente com base nesses valores tradicionais.

Nesse sentido, podemos afirmar que o confinamento de Vilamaninhos é determinante para a alienação de sua população, pois o estilo de vida adotado pelos seus habitantes, denuncia a contribuição negativa do espaço sobre a grande maioria dos personagens. Como argumenta Schwartzman (1961), a partir de Hegel, a interação entre o “eu e o outro” promove uma dinâmica de libertação da consciência, transformando o indivíduo em um agente capaz de moldar sua própria história e, conseqüentemente, a história de sua comunidade.

Além do mais, o estágio de consciência primitiva (alienação) desses grupos étnicos, vale destacar que como Lídia Jorge trás o mito: para personagens mais conectadas à natureza, como Jesuína Palha, o mito é utilizado para atualizar a realidade ancestral e, assim, ficarem presos em suas memórias em nada ajuda a mudar a realidade do momento. Assim, a questão de pesquisa Como Analisar o espaço enquanto fechamento da consciência em *O Dia Dos Prodígios*, Como compreender a alienação em Vilamaninhos e qual a importância do espaço e desse ambiente, foram respondidas ao longo da obra, pois foi elencada na alienação vivenciado pelos personagens, como também o espaço crítico social, o qual mostra os personagens em uma sociedade esquecida e também o espaço como ambiente que mostra as ações dos indivíduos e que o ambiente pode ser modificado pelo mesmos.

Nesse enfoque, os objetivos, também foram respondidos, pois investigamos como a categoria espaço é construída dentro do romance, bem como analisar como ele colabora para o comportamento alienante dos personagens e contribuir com outros estudos na narrativa *O Dia Dos Prodígios* de Lídia Jorge. Para responder os objetivos

investigamos como o espaço contribuiu dentro do romance, pois a partir do espaço fictício a autora vem apresentar ao leitor os danos causados na consciência das pessoas que mesmo após a ditadura, permaneceram com as mesmas ações e não buscaram melhorias, e ao que tange contribuir trabalhos futuros podemos mencionar que mesmo sendo a primeira obra da autora, vale destacar que há muito o que ser estudado ,principalmente no quesito da alienação visando uma consciência política.

Quando se trata das personagens conhecidos como Carmas, o mito se inverte à Jesuína Palha, por exemplo, indicando um traço característico do pós-modernismo e sua atitude revisionista e paródica dos mitos. As personagens formam o cerne da esperança revolucionária, representando mudanças na atitude quanto aos outros e, conseqüentemente, no tocante à estrutura social. A obra mostra que esse desejo de mudança exige uma ação coletiva, sem líderes ou seguidores, mas com todos caminhando juntos para um objetivo comum: a um mundo novo, a revolução.

Nessa direção, notamos que esse tão esperado acontecimento dos soldados, com notícia da Revolução. Essas personagens estão fora do círculo do mito em Vilamaninhos e, portanto, personificam advindo de uma fonte externa ao espaço da aldeia. Diante desse fato, concluímos que, embora aquelas pessoas não compreendam, os militares trazem esperança ao povo, mostrando ideais pelos quais valem a pena lutar em coletividade. Por conseguinte, o espaço social como categoria constitutiva da narrativa literária, em especial o romance, desempenha papel fundamental. Ele situa e contribui para as ações, conforme observou-se no decorrer desse trabalho. Mesmo com as humildes considerações sobre esse objeto aqui apresentadas, o tema não está esgotado.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. **A Poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BIRMINGHAM, David. **História concisa de Portugal**. Tradução de Daniel M. Miranda. São Paulo: EDIPRO, 2015.
- BORGES FILHO, O. **Espaço e literatura**: introdução à toponímia. Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC, p. 1-7, 2008. Disponível em: <https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/067/OZIRIS_FILHO.pdf> Acesso em: 17 de mar de 2023.
- BOSI, A. **Estudos Avançados**. São Paulo, 2014.
- BRANDÃO, L. A. **Teorias do espaço literário**. Belo Horizonte: Fapemig, 2013.
- DIMAS, A. **Espaço e Romance**. São Paulo: 2 ed. Editora Ática, 1987.
- DUNDER, M. **Vilamaninhos ou a herança sem herdeiros: a questão do cronotopo em O dia dos prodígios, de Lídia Jorge**. Dissertação de Mestrado.FFICH, USP, 2009.
- DURÃO, F. A. Reflexões Sobre a Metodologia de Pesquisa nos Estudos Literários. Delta, p 377-390,2015.
- ELISANGELA, F. N. G. **A questão da Alienação em O Dia Dos Prodígios**. São Paulo, 2007.
- FRANCO JÚNIOR, A. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI.T. ZOLIN, L. O. (Orgs). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Ed da UEM, 2003, p. 33-58.
- FREITAS, F. A. E. **O Romance Português Contemporâneo Ideário e Trajetória Estética de Lídia Jorge**. Goiânia, 2014.
- GANCHO, C. V. Como analisar narrativas,7 ed. São Paulo: Ática,2004.
- HUTCHEON, L. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Tradução de: Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed, 1991.
- HUTCHEON, L. **Teoria e Política da irônia**. Tradução Júlio Jeha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.
- JORGE, L. **O Dia dos prodígios**. 10º edição. Ed. Dom Quixote: Portugal, 2010.
- SARAMAGO, J. **O conto da ilha desconhecida**. São Paulo: companhia das letras, 1998.
- SCHWARTZMAN, S. **Para um Conceito Sociológico de alienação Política**. Faculdade de Ciências Econômicas, UMG, 1961. Disponível em: <<http://www.schwartzman.org.br/simon/aliena.htm>>. Acesso em: 20 de mar de 2023.

SECCO, Lincoln Ferreira. **A Revolução dos Cravos e a crise do império colonial português**: economias, espaços e tomadas de consciência. São Paulo: Alameda, 2004.